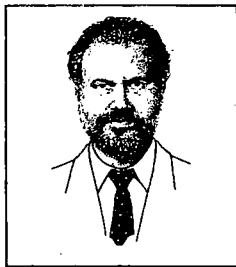


Participação de todos

Reivindicar ações culturais e educação de nível num País como o nosso é sempre perigoso. Haverá sempre quem levante, mais alto, a bandeira da luta contra a fome e a favor da saúde como prioridades inadiáveis e para onde deverão ser canalizados todos os recursos. Nessa mesma linha, com relação à educação, durante muito tempo prevaleceu a idéia de que qualquer escola seria melhor do que nenhuma escola, qualquer professor melhor do que nenhum

professor e qualquer livro melhor do que nenhum livro. A qualidade deveria sacrificar-se à quantidade. Deu no que deu...

A falha não é, apenas, de execução, mas de formulação: a idéia de que se é para ser para todo mundo, tem que ser ruim ("qualquer" escola, "qualquer" livro, etc.). Vários países tão ou mais pobres do que o nosso atingiram, em poucos anos, resultados excelentes após terem feito um investimento importan-



Tem que ser um projeto do e para todo o Brasil. Não pode ser do governo

te na educação. A receita, mais conhecida do que a de pudim de leite condensado, todo mundo sabe: Professores bem formados, motivados, adequadamente remunerados e com possibilidades de se reciclarem periodicamente. Bibliotecas abertas e razoavelmente completas contendo obras acessíveis e atualizadas. Livro didático de boa qualidade.

Pode-se dizer que custa caro formar um bom professor. Errado. Um mau professor é que sai caro, por ser inefi-

ciente e ineficaz. Um mau professor ajuda a provocar a repetência (embora, às vezes, não seja culpa sua, mas dos que aprovaram, indevidamente, os alunos em séries anteriores). Um mau professor não segura o aluno na escola; não prepara alunos para a vida profissional. É curioso que nos obriguem a usar cinto de segurança, (mesmo sabendo que ao não usá-lo atentamos apenas contra nossa própria vida), sob o argumento que o custa hospitalar de

nossa internação será pago por toda a sociedade e convivemos com professores mal formados mesmo sabendo que sua ação será deletéria contra todos os que estiverem em sua área de ação... Não há necessidade de se fazer cálculos profundos para se chegar à conclusão de que um bom professor, decentemente pago, sai mais barato.

Outro sofisma que tem sido veiculado pela imprensa diz respeito à baixa qualidade do livro didático existente no Brasil. Longe de mim defender certas obras que não passam de colagens mal costuradas, de autores inexistentes. A CBL tem dado o prêmio a livros que passaram pelo crivo de exigentes comissões julgadoras — e isso não tem constituído notícia para a imprensa. De resto, o professor tem o direito de escolher, em cada escola, o livro que julgar mais adequado aos seus alunos. Se especialistas julgam que o professor não fez uma escolha adequada, não seria mais razoável colocar a seu alcance obras de apoio que lhe permitam fazer escolhas melhores (na ótica dos especialistas) do que achar que o livro didático é o culpado? E por que, num estado como São Paulo, foi desativado o projeto de dotar as escolas padrão de bibliotecas de referência? A alegação é

a de que todas as escolas deveriam merecer o mesmo tratamento, que, esperamos, seja o nivelamento por cima e não por baixo.

Há esperanças? Sim, e muitas. A FAE, compreendendo que cada livro é um produto único, está se propondo a rediscutir o famoso projeto nordeste com o Banco Mundial, pelo qual o preço e não a qualidade eram determinantes no processo de compra de obras didáticas para os estados nordestinos. O processo de descentralização possível está em andamento e, se foi resolvido de forma duvidosa em Minas, está sendo implantado com sucesso e competência em São Paulo. Comissões e assessorias de competência indiscutível tem cercado o ministério e várias secretarias de educação de projetos competentes e viáveis. Educação não pode ser um projeto do governo. Ou de meia dúzia de iluminados. Tem que ser um projeto do e para todo o Brasil. Exige a participação de todos.

P. S.: Funcionários do Arquivo do Estado estão em pé de guerra por melhores condições de trabalho. Prezado governador Covas, fechar arquivos é assassinar nossa memória.